

PERSONALIDADE

Darcy desdenha a morte e ressuscita índios

Raimundo Valentim/AE — 11/4/95

Grupo de 60 amigas e colaboradoras comemora hoje aniversário do antropólogo e senador, que prepara para 1996 o lançamento de livro com os diários do tempo em que viveu entre os índios urubus-caapor

PAULO VASCONCELLOS

RIO — O antropólogo e senador Darcy Ribeiro vive em regime de urgência. Só neste ano lançou três livros e já prepara o quarto: o diário dos quase dois anos em que viveu, no começo dos anos 50, na mata às margens do Rio Gurupi, que corta o Maranhão e o Pará, em meio aos índios urubus-caapor, descendentes dos tupinambás da costa brasileira. Sobre-vivente de um câncer do pulmão, no passado, e agora vítima de outro, na próstata, que já lhe consumiu parte dos cinco anos de sobrevida concedida pela medicina, ele não perde tempo. Hoje, comemora 73 anos numa festa, na Zona Sul do Rio, em que será o único homem no meio de 60 mulheres.

Ontem, no Senado, apresentou o relatório sobre a Lei de Diretrizes e Bases que elaborou para mudar o ensino brasileiro. Amanhã, volta a Brasília para retomar as discussões do projeto. O tempo livre vai usar para transpor seus relatos com os índios para o livro que será lançado no

Caderno 2 — Por que esse livro?

Darcy Ribeiro — O objetivo é levar o leitor a conhecer os índios por meio do diário. Eu digo: venha, pegue a minha mão, vamos andar 1,5 mil quilômetros na mata, passar por dezenas de aldeias e ver como os índios estão vivendo e conversar com eles. É o oposto da monografia antropológica, etnológica, que eu pretendia fazer no início. Assim como Florestan Fernandes, que quis estudar os tupinambás no papel, reconstituindo suas vidas por meio dos cronistas do século 16, eu pretendi conhecê-los em carne e osso. Procurei a tribo mais parecida, que já não era nada parecida com a dos tupinambás de quase 500 anos atrás, mas que não falava uma palavra de português e me conheceu como o primeiro homem branco. No diário procuro suprimir a análise antropológica, intelectual e dar ao leitor a oportunidade de conhecer a vida real daqueles índios. Tem muito mais verda-

de no que eu digo ali do que teria numa monografia.

Caderno 2 — Por que esperou até agora para publicar esse trabalho?

Darcy — A obra etnográfica é menos perecível e não havia pressa em publicá-la. Acredito que o diário resistiu ao tempo. Uma vez pedi ao Lévi-Strauss uma opinião sobre meu livro *Processo Civilizatório* e ele respondeu apenas: "Interessante." Eu reclamei: "Fiz isso durante anos e você diz apenas que é interessante?" Ele explicou: "Mas você é um príncipe da etnologia, sempre usei suas obras." Eu achei muito colonial. "Então você quer que eu faça a etnografia e você a teoria?" Ele concluiu: "Mas a minha obra é para durar 20 anos e a sua é para durar para sempre." Acho que ele estava certo.

Caderno 2 — Os desenhos feitos pelos índios nos diários serão reproduzidos no livro?

Darcy — Sim. Esse é um dos atrativos do livro porque os índios não reconheciam meus desenhos, nem eu os deles. Nós temos a noção de que um desenho é uma convenção em duas

dimensões, mas o índio não tem essa noção. Ele não está na convenção. Eu fazia o retrato deles e eles não se reconheciam. Do mesmo jeito, eles me reproduziam de um jeito que eu não me reconhecia porque a percepção deles era muito diferente.

Caderno 2 — Que lembranças lhe trouxeram os diários ao relê-los depois de tanto tempo?

Darcy — Uma delas foi recordar a surpresa dos índios ao descobrir a liberdade que eram para eles as solas dos meus pés. Eles nunca tinha visto nada tão lisinho. Eu tinha de ficar dias deitado numa rede, com os pés para cima, enquanto os índios vinham esfregar o rosto nas solas dos meus pés para sentir a maciez. Quando descobriram um bloco de ouro num dente obturado, queriam todos botar as mãos na minha boca para arrancar. Pior foi quando viram que o cozinheiro da expedição era preto. Eles lavavam e areavam o sujeito para se certificar que aquela era mesmo a cor dele.

Caderno 2 — Qual a recordação mais emocionante?

Darcy — Na semana passada me emocionei ao reler meu primeiro contato com uma das instituições dos

urubus-caapor: o "inharon", que significa raiva. Todo índio tem direito a um dia de "inharon" na vida e os outros têm de respeitar. É um sentimento que se manifesta apenas numa situação desesperadora, como a morte de um filho. Nesse dia, o índio urra, grita "inharon", costuma derrubar casas e destruir tudo o que tem. Os outros respeitam saindo da aldeia, mas eu não: quis ver o que acontecia e acabei sendo visto pelo índio que fazia seu ritual. A obrigação dele era me matar, eu queria que ele me matasse, mas como ele demorou de as costas e fui embora, devagar. Nunca mais nos olhamos na cara. Relendo o diário na semana passada fiquei arrepiado ao lembrar a vontade que tive de morrer naquela hora.

Caderno 2 — Não há nenhum projeto de biografia?

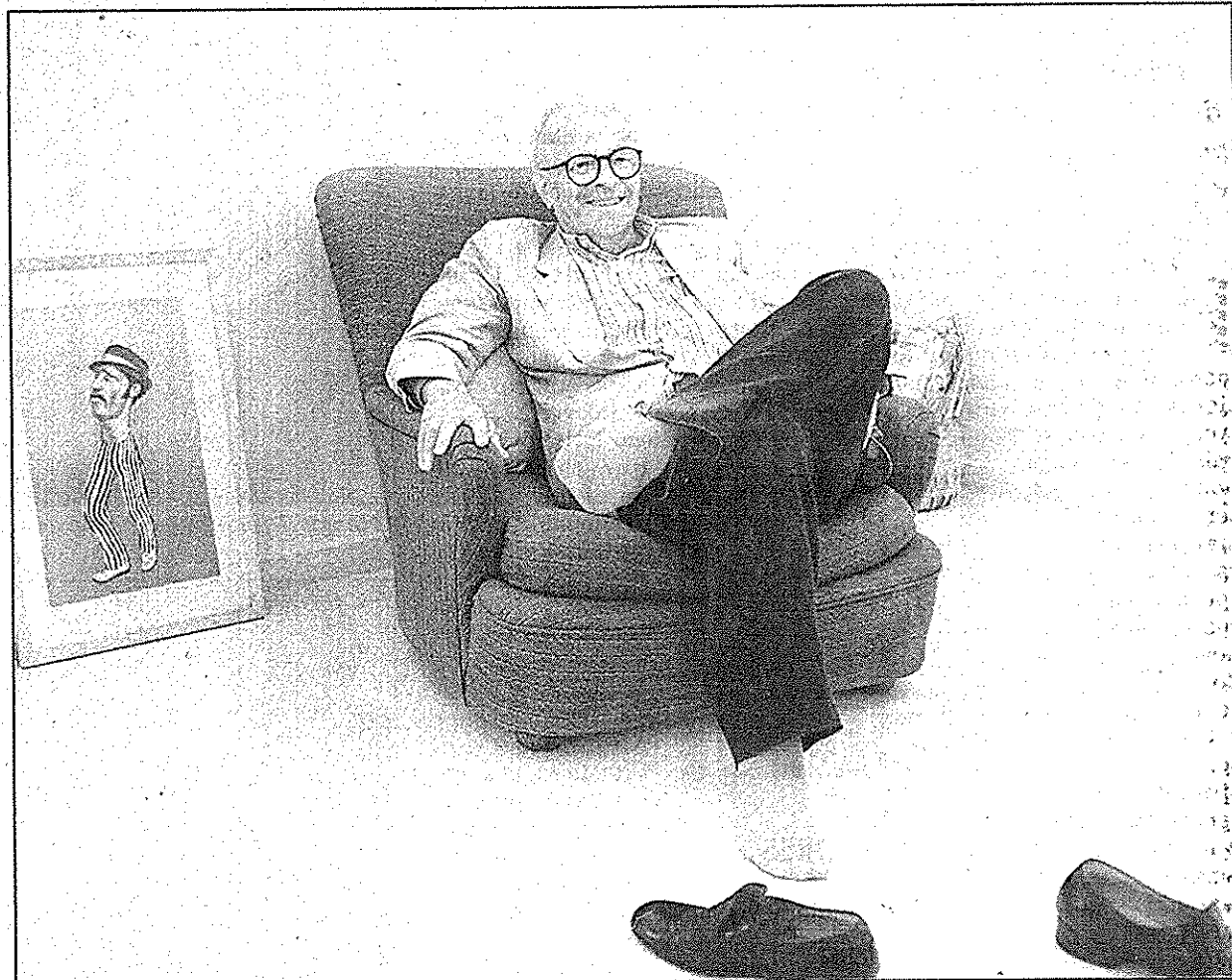
Darcy — Não. O que há é a intenção de um editor de transformar em biografia uma longa entrevista que dei há algum tempo. É uma coisa bizarra. Não passa de um depoimento que eu dei a alguns velhinhos, o Oscar Niemeyer (arquiteto), o Antônio Houaiss (filólogo), o Antônio Callado (escritor) e o Zuenir Ventura (jornalista), que nem é tão velhinho assim. Não vejo sentido em publicar só aquilo. Meus amigos acham que eu tenho uma vida tão movimentada que caberia escrever uma biografia. Mas quem vive assim, à margem da morte, tem de fazer coisas urgentes.

Caderno 2 — O senhor teme a morte?

Darcy — Eu já tive um câncer há 20 anos e me custou um pulmão. Esse agora é na próstata e não pode ser tirado porque tem metástases. A sobrevida que me deram é de cinco anos, mas eu já comi mais de dois. Então, fico assim correndo contra o tempo. Mas no fundo não vai ser nada, eu vou tirar isso de letra, jogar esse câncer fora, viver muito. Esses dias, por exemplo, uns amigos me procuraram para que eu me candidatar a reeleição no Senado. É para um mandato de oito anos. Quando terminar, em 2006, vou estar com 84 anos. É idéia de jerico.

Caderno 2 — Um grupo de amigas e ex-colaboradoras o espera no Rio hoje com uma festa de 73 anos em que o senhor será o único homem. O senhor vai enfrentar o desafio?

Darcy — Eu nem sei como será, mas não poderei deixar de ir. O que eu sinto pena, pena, que me dói, são as mulheres que amei muito e me ajudaram a enfrentar 15 anos de exílio e não estarão na festa. Vou ter de fazer um discurso, mas não sei se falarei nelas. Eu falarei nas presentes, mas não posso ofendê-las falando das ausentes. Mas as ausentes é que estão me incomodando porque as presentes estão presentes. Nessas eu posso dar um beijo.



Darcy Ribeiro: "Vamos andar na mata e ver como os índios estão vivendo e conversar com eles"

Autor lançou três livros este ano

Diário de expedição segue a obra teórica, coletânea de ensaios e volume infanto-juvenil

RIO — O diário que Darcy Ribeiro está transformando em livro é o relato das duas expedições antropológicas que ele fez às aldeias dos índios urubus-caapor do Maranhão. A primeira durou de outubro de 1949 a fevereiro de 1950. A segunda começou em agosto de 1951 e terminou no final daquele ano.

O resultado são seis cadernos de campo. Passado para computador, o material irá render 700 páginas para o livro que será lançado pela Companhia das Letras no começo do ano que vem e deverá ter edição em francês. A obra será ilustrada pelos desenhos dos próprios índios e por fotografias em que Darcy, então com cerca de 30 anos, aparece ao lado dos uru-

bus-caapor. O antropólogo traçou ainda inúmeras genealogias de índios.

"Um dos índios que entrevistei foi capaz de enumerar dez gerações da família dele", conta Darcy Ribeiro. "É um relato riquíssimo."

Os cadernos escritos à mão são, de fato, pródigos em histórias curiosas da convivência do antropólogo com os índios e com as populações ribeirinhas do Gurupi.

Num dos relatos, por exemplo, o antropólogo conta o encontro com um morador das margens depois de dois dias descendo o rio numa canoa com um companheiro doente e um canoieiro que fumava maco. Esfomeado e tonto pela fumaça da droga, ele pediu um pouco de comida, mas como o homem não tinha nada, matou

o único animal que ele criava: um porco. "Foi uma coisa dantesca", diz, hoje, Darcy.

O diário será o 31º livro escrito por Darcy Ribeiro. Seu trabalho de ficção mais conhecido é *Maíra*. Só este ano ele já lançou

três livros. O primeiro foi *O Povo Brasileiro: A Formação e o Sentido do Brasil*, que começou a escrever há 20 anos. Lançado pela Companhia das Letras, o livro já está na segunda edição. Quase si-

multaneamente, ele lançou no começo do ano *O Brasil como Problema*, uma série de ensaios e conferências publicada pela Editora Francisco Alves. Mais recentemente, lançou *Noções de Coisas*, uma obra infanto-juvenil com ilustrações de Ziraldo publicada pela FTD Editora. (P.V.)

DESENHOS
INDÍGENAS
VÃO ILUSTRAR
TEXTO